



“Sem Estúdio”: um relato de experiência sobre as transformações de um laboratório de jornalismo durante a pandemia

Fábio Canatta¹ e Sílvio Barbizan²

Professores da Escola de Comunicação Artes e Design – Famecos/PUCRS.

Resumo: O presente relato de experiência discute o impacto do ensino da prática jornalística em vídeo em um ambiente exclusivamente online. O objeto do estudo é o “Sem Estúdio”, uma produção semanal do Editorial J, o Laboratório de Jornalismo Convergente do Curso de Jornalismo da Escola de Comunicação Artes e Design – Famecos, da PUCRS. O programa de entrevista foi criado durante o período de isolamento social provocado pela pandemia de coronavírus e é todo feito a partir do ambiente virtual. Da discussão da pauta, que reúne alunos e professores numa sala de reuniões por vídeo, à transmissão ao vivo pela página do Facebook do Laboratório. A pauta principal é o jornalismo, com foco específico na especialidade ou na área de atuação do entrevistado. A produção já teve 15 episódios tendo entre seus entrevistados os jornalistas Marcelo Canellas (TV Globo), Pedro Dória (Meio/Estadão/CBN/OGlobo), Núria Saldanha (CNN-Washington), Isabel Vincent (New York Post-Nova Iorque) e Andressa Collet (Vatican News-Roma). Os alunos que produzem e conduzem o programa estão entre o primeiro e terceiro nível do curso de jornalismo. A cada semana dois alunos de outras Universidades integram o time de entrevistadores como convidados. A live tem alcançado uma média de 2,5 mil pessoas em cada edição.

Palavras-chave: Jornalismo; Laboratório; Vídeo; Entrevista; Editorial J.

¹ Doutorando em Comunicação e professor de jornalismo da Escola de Comunicação, Artes e Design – Famecos/PUCRS – fabio.canatta@pucrs.br

² Doutorando em Comunicação e professor de jornalismo da Escola de Comunicação, Artes e Design – Famecos/PUCRS – silvio.barbizan@pucrs.br

1. Introdução

A pandemia e as medidas de enfrentamento ao covid-19 acrescentaram novos desafios ao já combatido e combativo jornalismo brasileiro. Em um contexto de proliferação de *fake news*, ataques governamentais e redução de postos de trabalho – entre outros aspectos da crise – o combate ao coronavírus trouxe um paradoxo. Ao mesmo tempo que fez aumentar o interesse do público pelas notícias criou novas dificuldades na execução do trabalho dos jornalistas. Ir para a rua em busca de fatos e de interpretações se tornou um risco. A situação afetou todos os setores da comunicação, inclusive as faculdades, responsáveis pela formação de novos profissionais. Assim, passaram a acontecer adaptações nos processos jornalísticos, nos formatos das produções e nas práticas de ensino.

É neste contexto que o objeto deste relato de experiência se insere. O Editorial J, Laboratório de Jornalismo Convergente do Curso de Jornalismo da Escola de Comunicação, Artes e Design-Famecos da PUC do Rio Grande do Sul, assim como toda a universidade, teve suas atividades presenciais suspensas em março. Poucas semanas depois, na metade de abril, transmitiu ao vivo o primeiro de – até agora- 15 episódios do programa de entrevistas online Sem Estúdio.

Os mais de três meses em execução sem interrupções indica que a adaptação às atuais circunstâncias já está posta. É preciso, então, entender os efeitos desta adaptação nos processos de produção e nos formatos.

O programa feito em sua totalidade por estudantes de jornalismo de semestres iniciais é uma experiência alinhada com os conceitos de convergência de Jenkins (2009). Trata-se de um produto audiovisual em que configurações de imagens e sons próprios de mídias tradicionais (TV e Rádio) se aliam a novos dispositivos como softwares de reunião e transmissão para, através de redes sociais digitais, informar.

Esse cruzamento de referências e tecnologias não surge por acaso. O Editorial J é um espaço onde estudantes de núcleos ligados a plataformas diferentes trabalham juntos em projetos multimídia. O caráter experimental e de prática o configura como um laboratório. “[...]as escolas devem procurar integrar os alunos nos seus laboratórios de

investigação, aproveitando a sua experiência enquanto consumidores e as suas ideias para novas linguagens e novos produtos (CANAVILHAS,2011,p.18).”

2. Tradição e pioneirismo em laboratórios de jornalismo

O Editorial J iniciou suas atividades em agosto de 2011, portanto, há nove anos. Os conceitos e rotinas de trabalho, porém, vinham sendo construídos a partir de uma reflexão teórica e uma experimentação prática que envolveu três professores e cinco alunos desde março daquele ano. A teoria que ancorou e estruturou o projeto é resultado da pesquisa³ destes professores, que analisaram a legislação e as diretrizes brasileiras para os cursos de jornalismo, o panorama da convergência midiática no Brasil e no mundo e, por último, o trabalho e a produção dos laboratórios de jornalismo das principais faculdades de jornalismo do país. Estes apontamentos orientaram a formulação do projeto que deu origem ao Laboratório de Jornalismo Convergente da Famecos – Editorial J.

É importante lembrar que o Editorial J é herdeiro de uma longa tradição. O curso de Jornalismo da PUCRS foi o primeiro do sul do país e o terceiro a ser implantado em todo o Brasil, depois da Escola Cásper Libero em São Paulo e da Universidade do Brasil no Rio de Janeiro. A implantação dos Laboratórios de Estágio aconteceu em 1997, com o Laboratório de Jornal Impresso, que dois anos depois viraria o Hipertexto⁴, um jornal impresso com tiragem de 5000 exemplares. Mas essa seria apenas a primeira experiência de unir a teórica com a prática em horários alternativos às aulas e totalmente abertos aos alunos.

Em 1997 veio também a Radiofam⁵, a primeira rádio a transmitir a sua programação pela web no país. Dois anos depois, em 1999, foi criada a TV Foca⁶, o primeiro laboratório de jornalismo do Brasil a produzir programas regulares que

³ Os apontamentos dos professores podem ser encontrados no artigo “Anotações para um laboratório convergente de estágio curricular em Jornalismo”. Disponível em:
<http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2011/resumos/R6-2596-1.pdf> Acessado em: 03.07.2020

⁴ Memória Famecos – Hipertexto. Disponível em:
<http://projetos.eusoufamecos.net/memoria/repositorio/midias/hipertexto/> Acessado em: 03.07.2020

⁵ Memória Famecos – Radiofam. Disponível em:
<http://projetos.eusoufamecos.net/memoria/repositorio/midias/cyberfam/> Acessado em: 03.07.2020

⁶ Memória Famecos – TV Foca. Disponível em:
<http://projetos.eusoufamecos.net/memoria/repositorio/midias/tv-foca/> Acessado em: 03.07.2020

integravam a grade de programação de um canal de televisão universitário, a UNITV. Os alunos chegaram a ter como rotina a produção semanal de uma revista eletrônica, de um programa de entrevista e de um programa de auditório. Uma das consequências foi a construção de uma tradição, que permanece até hoje, de encaminhamento dos estudantes para o mercado de trabalho que reconhecia como um diferencial a experiência proporcionada pelo laboratório. Por último, em 2001, surgia a Cyberfam, um dos primeiros estágios em jornalismo online no Brasil.

O jornalismo da Famecos tem como filosofia, expressa por seus corpos docente e discente, que a Universidade é o lugar da experiência, do teste e da construção das novas possibilidades. (DORNELLES, 2002, p.9).

O Editorial J viria dez anos depois, com uma proposta ousada, que substituiria todo este ambiente dos laboratórios da Famecos. O desafio era unir estes espaços num único ambiente, que, a partir da convergência, propusesse uma nova organização para a redação. O novo laboratório passou a receber os alunos matriculados na disciplina de estágio curricular, bolsistas de iniciação científica e também abriu espaço para voluntários, interessados em praticar jornalismo em todas as suas possibilidades de linguagens e plataformas.

Neste novo contexto, ao invés de laboratórios distintos, os alunos e as suas rotinas passaram a ser organizados a partir de cinco núcleos de produção: áudio, vídeo, fotografia, texto e digital. Cada um dos grupos era formado por um professor especialista naquela linguagem e os estudantes que haviam indicado interesse naquela área de trabalho ao ingressarem no Editorial J.

O objetivo da organização por núcleos foi garantir uma rotina que sustentasse a produção em todas as linguagens. Porém, isso nunca foi um limitador para que um aluno da fotografia estivesse envolvido num projeto com colegas do vídeo e do texto. Pelo contrário, os professores criavam dinâmicas que estimulavam a integração, a interação e as experiências.

Por exemplo, no telejornal quinzenal feito ao vivo no Facebook do Editorial J pelo núcleo de vídeo, há a participação de alunos da fotografia na produção de uma narrativa em vídeo feita a partir de fotos e na gravação de imagens para uma reportagem em parceria com outro colega. Alunos do digital, são os responsáveis pela estratégia de

divulgação do programa nas diferentes redes sociais, a partir de lives, vídeos gravados, cards, etc. Da mesma forma, os alunos do núcleo de vídeo levam as suas experiências, entrevistas e relatos para a programação da rádio, uma responsabilidade do núcleo de áudio, que também produz podcasts. As trocas diárias vão formatando novas práticas e impactando na organização da redação e nos conteúdos publicados.

O ritmo de produção do Editorial J é diário e simula a rotina de uma redação jornalística profissional, com seus processos, prazos e hierarquias. De segunda a quinta-feira⁷, as tardes iniciam com uma reunião de pauta que envolve todos os alunos e professores. São três objetivos: organizar e orientar a cobertura do dia – que não obedece a lógica dos núcleos –, compartilhar com o grupo inteiro as informações sobre as atividades desenvolvidas em cada um dos núcleos e discutir assuntos importantes que estão na imprensa naquele momento para entender de que forma o Laboratório pode cobrir.

Os professores são os coordenadores dos núcleos de trabalho. Um aluno em cada grupo ocupa a função de editor, que desempenha um papel de liderança e organização das atividades. Esta função é remunerada a partir de bolsas de iniciação científica ou estágio. Isso permite que alguns estudantes, ainda na faculdade, experimentem um pouco da gestão dentro da perspectiva de uma redação jornalística: ele é desafiado a fazer escalas, orientar os colegas menos experientes e liderar os processos dentro do núcleo. Tudo isso faz que o aluno se destaque e o grupo passe a almejar o cargo.

Os alunos bolsistas de iniciação científica e estudam conceitos sobre jornalismo e convergência, por exemplo, com a orientação de professores do programa de pós-graduação em comunicação (PPGCOM), e levam este conhecimento para o Laboratório. No dia-a-dia, estes conceitos são testados e, por vezes, promovem experiências práticas que alteram as rotinas de trabalho. Por fim, o resultado desta produção é levado à reflexão no projeto de iniciação científica, numa integração continuada entre os cursos de graduação e o programa de pós-graduação.

⁷ A sexta-feira é dia de folga no Laboratório. A intenção é que os alunos aproveitem a tarde livre para dar conta das demandas das disciplinas do curso.

O laboratório oferece aos alunos uma experiência de produção jornalística que prioriza o conteúdo e propõe a permanente reflexão sobre os processos produtivos do jornalismo. Simultaneamente, permite a experimentação a partir de uma discussão permanente sobre o cenário da comunicação em rede e da convergência entre as mídias .

O trabalho desenvolvido no laboratório tem excelentes indicativos de qualidade. Em nove anos de atividade, o Editorial J já conquistou 27 prêmios de jornalismo entre regionais e nacionais. Destaque para o Prêmio Ari de Jornalismo⁸, Prêmio Direitos Humanos de Jornalismo⁹ e o Prêmio José Lutzenberg de Jornalismo Ambiental, todos conquistados mais de uma vez. Isso faz que os alunos enxerguem o Editorial J como um espaço de prática, aprendizado e, inclusive, construção de portfólio.

O interesse dos alunos também é um ponto a se destacar. O Laboratório sempre trabalhou com um grupo de aproximadamente 35 alunos. Porém, o grande número de inscritos para estágio voluntário nos últimos cinco anos tem obrigado os professores a fazerem uma seleção. O processo envolve o envio do currículo, uma prova de conhecimentos gerais e uma entrevista individual conduzida pelos professores. Tudo isso faz que os alunos enxerguem o laboratório, muitas vezes, como a primeira experiência no mercado de trabalho, ainda que aconteça dentro da universidade.

A visibilidade é outro aspecto que valoriza o espaço frente aos alunos. Além do site¹⁰ que reúne toda a produção do laboratório, as redes garantem um alcance importante para os conteúdos produzidos pelos estudantes. Elas são espaços de produção de conteúdo e também de divulgação. Os perfis do @editorialj no Facebook, no Twitter e no Instagram juntos tem quase 6 mil seguidores. Em 2019, a maior audiência foi de uma reportagem em vídeo publicada no Facebook sobre os 42 meses de salário atrasado do funcionalismo estadual. O conteúdo teve mais de 800 compartilhamentos e alcançou mais de 100 mil pessoas.

⁸ O Prêmio Ari de Jornalismo tem 61 anos de tradição e é reconhecido como um dos mais importantes do Rio Grande do Sul

⁹ O Prêmio Direitos Humanos de Jornalismo é promovido pelo Movimento de Justiça e Direitos Humanos (MJDH-RS), Associação dos Repórteres Fotográficos do Rio Grande do Sul (ARFOC-RS) e Ordem de Advogados do Brasil do Rio Grande do Sul (OAB-RS) e recebe inscrições de jornalistas e estudantes de todo o Brasil.

¹⁰ Site do Editorial J. Disponível em: <http://www.editorialj.eusoufamecos.net/site/> Acessado em: 06.07.2020

3. A pandemia e a reinvenção

O semestre iniciou em março como de costume: um grupo reduzido de alunos que havia permanecido do semestre anterior. O foco estava na divulgação das vagas e organização da seleção para novos integrantes. Porém, em 16 de março, a PUCRS anunciou a suspensão das aulas presenciais devido à pandemia do novo coronavírus. Naquele momento, o Brasil tinha 234 casos confirmados da doença, 18 pessoas hospitalizadas e nenhuma vítima fatal¹¹. A morte por covid-19 no país seria registrada no dia seguinte, 17 de março.

As aulas foram retomadas no ambiente online na quinta-feira, dia 19 de março. Porém, as atividades dos laboratórios da universidade, que envolviam presença física no campus e dependiam da utilização da estrutura da PUCRS, seguiriam suspensas, ao menos esta era a orientação. No entanto, uma semana depois da suspensão, sem nenhuma perspectiva de retorno presencial, alunos e professores do laboratório iniciaram uma remobilização na tentativa de retomar as atividades.

A partir de então, apesar de todas as limitações impostas pelo isolamento, alunos e professores decidiram retomar as atividades. O ponto de partida para as discussões era: qual conteúdo relevante o laboratório pode produzir nas atuais circunstâncias de trabalho, respeitando as regras da quarentena e sem aumentar a exposição de ninguém. As ideias começaram a surgir e a rotina de trabalho, aos poucos, passou a ser retomada.

Os espaços físicos de convivência deram lugar a uma dinâmica de convivência e interação. As trocas diárias e permanentes da redação foram substituídas por uma conversa permanente no grupo de whatsapp do Editorial J. No lugar das reuniões de pauta diárias, uma ou duas reuniões semanais por videoconferência, para discussões objetivas e com uma pauta pré-determinada.

Os núcleos se fundiram num único grupo. Os conteúdos passaram a ser o ponto em comum para a formação dos times, algo que acontecia de forma tímida e eventual no modelo tradicional de trabalho. A primeira produção foi uma série de sete vídeos chamada

¹¹ Brasil tem 234 casos confirmados de novo coronavírus; transmissão comunitária no DF é revisada. Disponível em: <https://g1.globo.com/bemestar/coronavirus/noticia/2020/03/16/brasil-tem-234-casos-confirmados-de-novo-coronavirus-diz-ministerio.ghtml> Acessado em: 06.07.2020.

“Jornalistas contra o vírus” e mostrava as transformações que a atividade estava passando no contexto da pandemia. Os materiais eram gravados por jornalistas em seus ambientes de trabalho relatando novas rotinas e hábitos.

Fonte: [instagram.com/editorialj](https://www.instagram.com/editorialj)



A repórter Cristine Gallisa da RBSTV fala sobre as precauções da equipe para as gravações

As produções seguiram com desdobramento em todas as linguagens: um podcast chamado Famecos Cast Examina propunha uma discussão mais aprofundada sobre algum aspecto da cobertura que o grupo acreditava estar sendo deixado de lado pela grande imprensa; uma série de cards no Instagram traziam informações sobre atividades que poderiam ser feitas à distância de forma gratuita como cursos, oficinas e lives educativas e de entretenimento. Era a #QuarentenaJ.

Outra iniciativa que usou o ambiente do instagram foram as blitze, que desafiavam a audiência a enviar fotos da sua rotina no confinamento. O primeiro tema foi “a minha janela”, cuja proposta era retratar a imagem que as pessoas tinham da vida nas ruas a partir das suas janelas de casa. Depois, o convite era para o registro do seu espaço de trabalho, do livro que estava sendo lido, da companhia do seu pet de estimação, etc. Ao todo, foram mais de 200 fotos enviadas das mais diferentes cidades do Rio Grande do Sul, de outros Estados e até de países como Inglaterra e Portugal.

Com o avanço da pandemia e a imensa quantidade de informação circulando na rede, em especial nos grupos de whatsapp, os alunos resolveram oferecer um conteúdo que era uma tentativa de organização e hierarquização das notícias mais importantes.

Assim nasceu JNews, uma *newsletter* distribuída semanalmente pelo whatsapp com as principais notícias sobre a pandemia no mundo, no Brasil e no Rio Grande do Sul.

O serviço funciona da seguinte forma: os assinantes recebem, todas as sextas-feiras, às 18h, uma mensagem pelo whatsapp com a curadoria de notícias da semana. Os alunos buscam as reportagens numa lista feita previamente de veículos de imprensa regionais, nacionais e estrangeiros. A pesquisa é orientada por 8 tópicos, espécies de editorias da newsletter: pelo mundo (notícias internacionais), pelo Brasil (notícias de abrangência nacional), pelo interior do RS (notícias do interior por regiões do Estado), o que diz a ciência (conteúdo com alguma discussão científica sobre a pandemia), para ler com calma (material em profundidade que exige um tempo maior da audiência), para assistir (um vídeo) e para ouvir (um podcast). A JNews está na sua vigésima edição e conta hoje com mais de 200 assinantes.

Ainda faltavam, porém, uma produção que envolvesse todos os alunos e professores e simbolizasse todo o esforço de reinvenção num momento tão atípico. Neste sentido, aparece um programa de entrevista coletiva chamado Sem Estúdio, que merece um destaque ainda maior neste relato, em especial, pela qualidade do seu conteúdo, por ter alcançado uma visibilidade maior e atingido uma grande repercussão dentro e fora da universidade.

4. Sem Estúdio

Como aconteceu com as demais iniciativas, o objetivo central era garantir a manutenção do processo de aprendizagem e promover a experimentação dos estudantes sem que saíssem de casa. A ideia inicial de um programa de entrevista surgiu em uma reunião semanal do Editorial J na segunda quinzena de março. Nas semanas seguintes, o projeto foi formatado e detalhado. Às dificuldades de adaptar-se ao trabalho em home office foram acrescentados os desafios de produzir e participar de um programa transmitido ao vivo, entrevistar jornalistas que são referências em suas áreas de atuação, intermediar a participação do público e manter um ritmo de produção semanal.

O primeiro programa foi ao ar em 15 de abril no formato que se mantém até o momento: um bloco único com uma hora de duração, uma vinheta de abertura e créditos de encerramento. Dois alunos iniciam o programa destacando o currículo do convidado e

apresentando também os colegas que vão participar da entrevista. Entre seis e oito estudantes participam de cada edição, entre estes estão alunos convidados que não fazem parte do laboratório. Após a primeira pergunta feita por um dos alunos responsáveis pela abertura, os demais participantes se revezam aleatoriamente questionando o convidado. Um aluno também fica responsável por encaminhar as questões encaminhadas pelo público através das redes sociais do Editorial J. Operacionalmente a atração é transmitida por uma plataforma de reuniões online – Zoom - conectada a página do editorial J no Facebook.

Nenhum dos alunos participantes tinha qualquer experiência com programa transmitido ao vivo ou mesmo prática nos processos de produção. Os integrantes do laboratório estão no primeiro, segundo e terceiro semestre e, por isso, também possuíam pouco conhecimento teórico sobre as atividades. Para dar conta de capacitá-los foi adotada uma estratégia com três frentes de atuação: a) orientações individuais em que um ou mais professores tratam diretamente com o aluno; b) disponibilização de leituras de apoio; c) rotina de reuniões semanais entre todos os alunos participantes e os professores do laboratório com o foco no programa e no desafio da entrevista ao vivo.

Fonte: facebook.com/editorialj



O jornalista Pedro Dória (CBN, O Globo, Estadão e Meio) foi um dos entrevistados

As reuniões online seguem uma lógica de reunião de pauta típica de redação de veículos onde são colocados os assuntos possíveis de abordagem com cada entrevistado

e todos os participantes debatem questões como relevância do tópico, necessidade de busca de informações e abordagens possíveis. Em meio às discussões, são colocados conceitos e orientações quanto a aspectos éticos, processuais ou de práxis do jornalismo.

Todas as atividades envolvendo o programa ficam a cargo dos alunos ligados ao laboratório; contato e convite ao entrevistado; elaboração e publicação do material de divulgação, roteiro, operação do *software* de transmissão, produção e edição de vídeos, apresentação e condução do programa. Os alunos convidados juntam-se ao processo apenas na reunião preparatória do programa e colaboram com a definição dos tópicos a serem abordados com o entrevistado.

Os estudantes convidados têm duas origens: a própria PUCRS e outras universidades. Cada programa conta com a participação de dois calouros do curso de jornalismo da Famecos que não integram a equipe do Editorial J. Essa integração tem como objetivo propiciar aos alunos recém chegados à universidade uma experiência prática e também fazer que conheçam – e posteriormente se integrem - ao laboratório. Os convidados de outras universidades enriquecem o programa com visões e vivências acadêmicas diferentes dos demais participantes. Já participaram alunos da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia (UFRB), Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), Universidade Federal de Pelotas (UFPEL), Universidade Estadual do Centro-Oeste (Unicentro – Paraná), Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF) e Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC).

A escolha de convidados jornalistas propicia uma outra camada de conhecimento aos alunos, para além das suas próprias vivências nos processos de produção de conteúdo. Os entrevistados dão aos alunos entendimentos sobre suas as mais variadas áreas de atuação no jornalismo. As escolhas destes convidados não são aleatórias. Há uma preocupação com a diversidade. Os critérios para os convites incluem frentes de atuação diversas quanto aos meios, veículos e temas. Assim, já participaram do programa: Cristiano Dalcin (Record TV), Cristine Galisa (RBS TV) Marcelo Canellas (TV Globo), Marcelo Cosme (Globo News), Núria Saldanha (CNN Brasil), Pedro Dória (Colunista de CBN, O Globo e Estadão), Fernanda Wenzel (especialista em jornalismo ambiental), Isabel Vincent (New York Post), Cecília Olliveira (The Intercept Brasil), Andrei Netto (Headline News Brasil), Luiza Bodenmuller (Aos Fatos), Andressa Collet (Vatican

News), José Roberto de Toledo (revista Piauí), Marcela Donini (Matinal) e Muniz Sobre (escritor e pesquisador).

Entre os temas pautados pelos alunos e abordados pelos entrevistados estão as rotinas de trabalho, questões raciais, política, pandemia, tecnologia, desigualdade social, violência e educação. Muitos são os momentos também que a abordagem do convidado trata do futuro dos próprios alunos, com entendimentos que podem nortear suas atuações profissionais. Exemplo disso é Muniz Sobré no programa de quatro de agosto ao abordar as diferenças entre os embates da imprensa com a ditadura militar – quando o regime atacava pessoas e mudanças – e os ataques do atual governo – que mira as instituições da sociedade:

O estudante de jornalismo portanto, o jornalista de agora, deve trazer na cabeça isso, de que ele tem que lutar pelo fortalecimento das instituições. Isso não é idealismo ou um idealismo vão, não é ser idealista. É que a sobrevivência do jornalismo é estar do lado de uma sociedade civil forte (SODRÉ,2020).

Estas abordagens são de especial valor aos estudantes envolvidos e por isso podem criar a falsa impressão de que são herméticas e interessam apenas a eles. Mas os números relacionados a audiência indicam um envolvimento muito além do âmbito do laboratório e da própria faculdade de jornalismo. Cada programa alcança, em média, duas mil e quinhentas pessoas através da live no Facebook. Além disso, o volume de usuários que de alguma forma interagem com o programa (taxa de engajamento) chega a 13%, o dobro da média mundial.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

É inquestionável o quanto o jornalismo perdeu com a mudança de rotina e todas as circunstâncias provocadas pela pandemia de covid-19. Se olharmos apenas para o aspecto da diminuição da presença do repórter na rua, nos locais onde os fatos acontecem; a ausência do contato presencial com as fontes nos seus ambientes; o insubstituível trabalho de observação, que oferece elementos para o tom da narrativa e dá segurança em relação às decisões tomadas; enfim, o contato mediado é infinitamente mais pobre para quem precisa entender com o mundo real.

Por outro lado, é evidente também que o jornalismo parece ter se libertado de algumas amarras para superar as dificuldades do momento. No contexto do Editorial J,

todos os conteúdos produzidos neste primeiro semestre de 2020 poderiam ter sido pensados, do ponto de vista do formato, em qualquer outro momento. Os recursos utilizados já estavam à nossa disposição. Porém, quando se pensava entrevistar um jornalista, por exemplo, o horizonte da equipe tinha uma limitação geográfica: aqueles que poderiam ser alcançados com a câmera e o microfone. Esta barreira é uma das muitas que talvez tenham sido derrubadas de vez. Mesmo em vídeo, quando se pensar em uma fonte ideal, a distância continuará sendo um problema intransponível? Talvez, não mais.

Diante de todas as incertezas e de um semestre que apresentou as suas condições de sobressalto, sem muito tempo de planejamento para professores e alunos, a coragem e a iniciativa fizeram a diferença. O planejamento e o apoio permanente dos docentes também foi fundamental para que a inexperiência dos estudantes pudessem provocar equívocos mais graves e até algum constrangimento. Afinal, alunos que no máximo cursavam o terceiro período ficaram ao vivo, sem filtro ou edição, por 15 horas, frente a frente com alguns dos maiores nomes do jornalismo brasileiro.

6. Referências Bibliográficas

- CAETANO e LARANGEIRA (orgs). Jornalismo e convergência: ensino e práticas profissionais. Covilhã (Portugal): Labcom, 2011.
- CANAVILHAS, João. Pensar o ensino de jornalismo digital. In QUADROS, DORNELLES, Beatriz (org.). **PUCRS: 50 anos formando jornalistas**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2002.
- FERREIRA, Vera. *Aspectos históricos do ensino de televisão*. In DORNELLES, Beatriz (org.). **PUCRS: 50 anos formando jornalistas**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2002.
- FINGER, Cristiane. *A TV Foca*. In DORNELLES, Beatriz (org.). **PUCRS: 50 anos formando jornalistas**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2002.
- JENKINS, Henry. **Cultura da convergência**. 2. ed. São Paulo: Aleph, 2009.